# Os Cearenses e a Liberdade (*)

Melquíades Pinto Paiva

A escravidão impõe a negação da liberdade, que é o direito político fundamental do Homem. Portanto, condenar a prática do escravagismo significa exaltar os ideais libertários que devem orientar a sociedade humana, em busca dos seus maiores objetivos.

Estas considerações iniciais decorrem da nobre missão, a mim atribuída, de falar em nome desta Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, para deixar registrada, em seus anais, a nossa contagiante alegria pela passagem do primeiro centenário da Lei Áurea, firmada pela Regente Princesa Isabel, no dia 13 de maio de 1888, que aboliu a escravidão no Brasil.

Para dizer com a necessária e serena franqueza, tal decisão imperial foi adotada mui tardiamente, porque a escravidão já havia comprometido a imagem do nosso país no mundo civilizado, retardando o longo processo do desenvolvimento econômico e social do povo brasileiro, quando a humanidade avançava nas trilhas da era industrial.

Lavrando em terreno de minha própria vivência pessoal, vou a seguir transcrever as candentes palavras condenatórias da escravidão no Brasil, escritas pelo genial naturalista Charles Darwin, ao deixar as terras brasileiras, de regresso à Inglaterra, em agosto de 1836, no final da sua viagem de circunavegação ao redor do mundo:

---

(*) Palestra proferida na reunião da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, realizada em 04 de maio de 1988, comemorativa da passagem do primeiro centenário da Abolição dos Escravos no Brasil (1888 — 1988).

"No dia 19 de Agosto deixamos finalmente as costas do Brasil. Dou graças a Deus, e espero nunca mais visitar um país de escravos. Até o dia de hoje, sempre que ouço um grito distante, lembro-me vivamente do momento doloroso que senti quando passei por uma casa em Pernambuco. Ouvi os mais angustiosos gemidos, e não tinha dúvida nenhuma de que algum miserável escravo estava sendo torturado, entretanto, sentia-me tão impotente quanto uma criança, para até mesmo dar demonstrações. Julguei que os gemidos partiam de um escravo trucidado, pois disseram-me ser esse o caso, em outra ocasião. No Rio de Janeiro, morei em frente de uma velha senhora, que possuía parafusos para comprimir os dedos das suas escravas. Estive numa casa onde um jovem mulato sofria, diariamente e a qualquer hora, aviltamentos, castigos e perseguições suficientes para despedaçar o espírito, mesmo do animal mais desgraçado. Vi um menino de seis ou sete anos levar (antes que eu pudesse intervir) duas chicotadas na cabeça descoberta, por me haver dado um copo de água que não estava bem limpo; vi seu pai tremer ao mero olhar do seu senhor. Estas crueldades presenciei-as numa colônia de espanhóis, que, sempre se disse, tratam os escravos com mais benevolência do que os portugueses, ingleses ou outras nações européias. Vi, no Rio de Janeiro, um negro robusto sentir medo de aparar uma bofetada, que julgava ir receber no rosto. Estive presente quando um homem de bom coração esteve na iminência de separar para sempre os homens, mulheres e crianças de numerosas famílias que havia anos viviam juntos. Nem mesmo farei alusão às muitas comovedoras barbaridades de que ouvi autenticamente falar; — nem teria mencionado os revoltantes detalhes acima, se não tivesse encontrado tantas pessoas, que, cegas pela alegria constitucional do negro, falavam da escravidão como de um mal tolerável. Tais pessoas freqüentaram geralmente as casas das classes mais elevadas, onde os escravos domésticos recebem comumente bom tratamento; e nunca privaram, como eu, com as clas-

> ses mais inferiores. Esses visitantes sempre dirigem perguntas aos escravos, sobre o trato que recebem; todavia, esquecem-se de que somente um escravo muito idiota recearia que a resposta chegasse aos ouvidos do senhor." (Darwin, (1845) 1945: 456-457).

Devo agora lembrar que as áreas agrícolas brasileiras com a passada predominância do trabalho escravo, não puderam acompanhar o progresso alcançado por aquelas onde trabalhadores assalariados e o uso de máquinas no manejo das lavouras constituíram aspectos proeminentes, dando incremento à modernização da agricultura em nosso país. A escravidão foi o empecilho maior para o progresso e a causa próxima do retardamento econômico e social, ainda hoje observado nas terras das antigas plantações monocultoras e latifundiárias.

Nesta cidade onde estou vivendo, nenhum local é mais apropriado para a exaltação da liberdade do que a Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, pelas razões a seguir apresentadas:

— porque ela congrega cientistas, escritores e artistas que necessitam da liberdade para a expansão do espírito crítico e inovador, o que explica serem os intelectuais sempre suspeitos e as vítimas preferidas de todas as ditaduras, independentemente de colorações ideológicas e situações geográficas;

— porque os cearenses são naturalmente vocacionados à vida em liberdade, refletindo as condições de sobrevivência em suas terras predominantemente semi-áridas;

— porque o Ceará foi a pioneira província brasileira a libertar os seus escravos, com a total abolição da escravatura ocorrida no dia 25 de março de 1884, o que lhe valeu a denominação de Terra da Luz.

No Ceará encontra-se a síntese das condições ambientais e sociais da área das caatingas nordestinas, com povoamento de base pastoril, incitante do espírito de liberdade dos que tocavam as boiadas, em busca dos amplos espaços de vegetação aberta, construindo currais que foram os núcleos das futuras fazendas e da maioria das vilas. Ali tem sua melhor expressão os padrões culturais da civilização do couro,

tão bem definida por João Capistrano de Abreu (1907(1976): 126 - 127).

No território que atualmente corresponde ao Estado do Ceará, equivalente a 148.016 km² (sem contar os 2.614 km² do litígio entre o Ceará e o Piauí), nada menos que 92,2% estão incluídos no chamado *Polígono das Secas*. Na quase totalidade do espaço semi-árido cearense, observa-se a incidência de secas na faixa de 81 a 100% das ocorrências destes flagelos climáticos que atingem o nordeste do Brasil.

Pelos critérios definidos por José Guimarães Duque (1964), as regiões naturais do Ceará são as seguintes: carrasco — 5.798 km² (seco/ semi-árido), seridó — 20.563 km² (semi-árido / irregularmente árido / subúmido), sertão — 38.699 km² (irregularmente árido), agreste — 250 km² (irregularmente árido / subúmido), bem como as praias e dunas (1.618 km²), as bacias de irrigação dos açudes públicos (1.414 km²) e as serras (6.597 km²), totalizando 147.897 km², conforme medidas determinadas pelo planímetro no correspondente mapa.

Os números acima apresentados justificam a síntese antes referida.

Segundo Djacir Menezes (1937 : 61), a área cultural das caatingas compreende a faixa situada entre os rios São Francisco e Parnaíba, que teve a criação do gado como seu predominante sustentáculo econômico. Mais adiante, este nosso conterrâneo diz o seguinte, a respeito do Ceará:

> "... A base pastoril, dada as pequenas proporções da produção agrícola insignificante, e as crises climicas periódicas, agia no sentido de imprimir nas populações rurais esse espírito de clan e nomadismo, combatividade, inquietação, em contradições que Euclides da Cunha estilisou, exagerando, no "jagunço"." (Menezes, 1937 : 74 - 75).

O Ceará encontra-se totalmente incluído na região do *Mediterrâneo Pastoril*, no mapa cultural brasileiro, conforme estudo de Manuel Diégues Junior, que tem no vaqueiro o seu elemento típico, onde nunca houve "maior interesse pela escravidão." Vejamos mais uma citação, extraída do livro em referência: